

## Abordagem Etnobotânica acerca do Uso de Plantas Medicinais na Vila Cachoeira, Ilhéus, Bahia, Brasil

Rita de Cássia Teixeira MOREIRA, Larissa Corrêa do Bomfim COSTA \*,  
Renata Cristina Silva COSTA & Emerson Antônio ROCHA

*Departamento de Ciências Biológicas,  
Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC).  
Rodovia Ilhéus-Itabuna, km 16, 45650-000, Ilhéus, BA.*

---

**RESUMO.** Este trabalho foi conduzido na Comunidade de Vila Cachoeira, município de Ilhéus, Bahia, no período de setembro de 2000 à maio de 2001, tendo como objetivo analisar o resgate do conhecimento da comunidade sobre o uso de plantas medicinais. Foram entrevistados cinco informantes-chave, através de entrevista informal e questionários semi-estruturados. As plantas indicadas foram coletadas, herborizadas, identificadas e incorporadas ao herbário da UESC. A análise final mostrou a ocorrência de 85 espécies de plantas medicinais, sendo 48% usadas na forma de chá, 19% como xarope, 16% na forma de banho e 9% administradas de outras formas. A parte mais utilizada das plantas foi a folha (64%) seguida da planta toda (13%), do fruto (8%), da casca (7%) e de outras partes (8%) como látex. Das plantas coletadas, 60,7% são herbáceas, 33,3% são arbóreas e 5,9% são arbustivas, em sua maioria cultivadas em quintais.

**SUMMARY.** "Ethnobotanical Approach on the Use of Medicinal Plants in Vila Cachoeira, Ilhéus, Bahia, Brasil". This research was developed in the community Vila Cachoeira, in the city of Ilhéus, Bahia, from September 2000 to May 2001, with the aim to analyze the remnant knowledge of that community about the use of medicinal plants. Information was achieved from five key informants, through informal interviews and half-structured questionnaires. The indicated plants were collected, identified, and incorporated into UESC herbarium. The final data analysis showed the occurrence of 85 species of medicinal plants, 48% being used as tea, 19% in the form of syrup, 16% in the form of bath and 9% in other forms. The most used parts of the plants were the leaf (64%), the whole plant (13%), the fruit (8%), the bark (7%) and other parts (8%) such as latex.

---

### INTRODUÇÃO

Levando em conta o fato de ser o único animal a possuir capacidade de transformar suas relações com o meio ambiente <sup>1</sup>, o homem não perdeu sua estreita relação com os vegetais <sup>2</sup>, observando os fenômenos da natureza e utilizando-os para o seu próprio interesse. O uso dos recursos naturais é uma prática milenar, da qual o homem é o protagonista, ultrapassando todos os obstáculos do processo evolutivo e chegando até os dias atuais, sendo aplicado a toda população mundial <sup>3</sup>.

A utilização de plantas medicinais por populações rurais, é orientada por uma série de conhecimentos acumulados mediante a relação di-

reta dos seus membros com o meio ambiente <sup>4</sup> e da difusão de uma série de informações tendo como influência o uso tradicional transmitido oralmente entre diferentes gerações. A transmissão desse conhecimento, bem como pesquisas acerca dos usos terapêuticos de vegetais, vem como reforço contra a ameaça de extinção de inúmeras espécies, muitas destas ainda desconhecidas pela ciência <sup>5</sup>. Isto ocorre independente do conhecimento popular estar baseado em dados empíricos que se contrapõem ao conhecimento científico fundamentado em teorias comprovadas experimentalmente com métodos de acordo com a classe científica <sup>6</sup>.

Na região sul da Bahia, concentram-se al-

**PALAVRAS CHAVE:** Etnobotânica, Plantas medicinais, Comunidades tradicionais.

**KEY WORDS:** Ethnobotany, Medicinal plants, Traditional communities.

\* Autora a quem dirigir a correspondência: E-mail: larissa@uesc.br

guns dos últimos fragmentos remanescentes da Mata Atlântica brasileira, além de muitas comunidades que vivem isoladas dos grandes centros urbanos, representando um espaço para pesquisas sobre o conhecimento e utilidade terapêutica de vegetais nestas comunidades. Apesar da importância ecológica das áreas de Mata Atlântica, associada à excepcional biodiversidade e elevadas taxas de endemismo, são muito poucas as informações acerca do potencial e dinâmicas destes fragmentos <sup>7</sup>. Esta falta de informações é um dos motivos que retarda, ainda mais, a busca por medicamentos eficazes a partir de remédios que há muito fazem parte da terapia de comunidades tradicionais. Sem deixar de ressaltar o fato do valor dos recursos medicinais derivados de plantas ter um potencial econômico significativo <sup>8</sup>.

Considerando a ineficácia do sistema oficial de saúde pública e a condição econômica da maioria da população, não é tão surpreendente a sobrevivência do conhecimento tradicional sobre plantas medicinais, mediante às mudanças e catástrofes ocorridas com os índios, inicialmente considerados seus proprietários originais <sup>9</sup> no decorrer dos tempos.

Não distante desta realidade, a Vila Cachoeira, formada há cerca de 100 anos e fundada por pescadores e trabalhadores rurais da decadente lavoura cacaueteira, guarda um rico acervo de informações, podendo fazer parte do contexto de pesquisas realizadas com comunidades que conservam suas tradições difundindo-as entre as gerações. A Vila Cachoeira é uma comunidade localizada distante dos centros urbanos regionais, não possui saneamento básico, farmácia e há pouco tempo conta com um posto médico que funciona em dias e horários alternados em situação precária. A comunidade é cercada por muitos recursos naturais que em muitas situações são a única fonte de cura. Os moradores participantes da pesquisa são de baixa renda, em sua maioria inferior a um salário mínimo, são de origem rural e arraigados no local.

Com o objetivo de conhecer as plantas medicinais utilizadas pela população da Vila Cachoeira, identificando-as e analisando-as do ponto de vista botânico, este trabalho vem como uma forma de permitir o resgate da cultura popular no conhecimento e uso das plantas medicinais.

## MATERIAL E MÉTODOS

O levantamento foi desenvolvido na comunidade de Vila Cachoeira, localizada na Rodovia Ilhéus-Itabuna, km 13, longitude 39°08'96"W e

latitude 14°48'55"S no município de Ilhéus, durante o período de setembro de 2000 à março de 2001. O trabalho foi realizado em quatro fases qualitativamente distintas.

A primeira fase ocorreu durante os três primeiros meses onde foram feitas visitas de reconhecimento da área e da população, para conhecimento histórico-cultural da comunidade e identificação dos informantes, através de entrevistas informais.

A segunda fase teve o objetivo de trabalhar diretamente com os informantes-chave, utilizando-se para isto questionários semi-estruturados <sup>10,11</sup>, contendo questões diretas para obtenção das informações a respeito das plantas medicinais utilizadas pelos moradores, mas também acerca da transmissão oral de conhecimento. Foram realizadas entrevistas para coleta de dados sobre aspectos botânicos e de cultivo das plantas, como idade, hábito, época de floração e outros. Durante esta fase foram feitas coletas de material botânico em quintais e na mata circunvizinha, para posterior herborização, identificação e incorporação das espécies junto ao Herbário da UESC, além de registro fotográfico de algumas espécies e da área de estudo.

Na terceira fase, foi utilizada a técnica de *feedback*, recorrendo à testes de verificação de consistência e de validade das respostas, para o controle destas <sup>12</sup>.

A quarta fase foi a construção de um *check-list* e análise dos dados utilizando-se o programa Excel.

## RESULTADOS

Durante o período de pesquisa foram identificados 5 informantes-chave, todas mulheres, donas de casa, trabalhadoras rurais e pescadoras, com faixa etária variando entre 48 a 78 anos, consideradas pela comunidade de Vila Cachoeira como "curandeiras" locais. A partir dos dados obtidos elaborou-se uma lista contendo 84 espécies de plantas utilizadas como medicinais, distribuídas em 44 famílias e 74 gêneros (Tabela 1). As plantas, em sua maioria, foram coletadas nos quintais das casas, sendo que, algumas espécies arbóreas, como jenipapo (*Genipa americana*), eucalipto (*Eucalyptus* sp.), cajú (*Anacardium occidentale*) e outras não arbóreas como sapé (*Imperata brasiliensis*) e cebolinha-do-mato (*Trimezia caulosa*) foram extraídas da mata ciliar e da cabruca (mata de cacau) que cerca a comunidade.

As famílias botânicas mais expressivas do le-

Família	Nome vulgar	Nome científico	Indicação	Parte utilizada	Forma de uso
Aloaceae	babosa	<i>Aloe soccotrina</i> Lam.	leucemia, tuberculose, próstata, sinusite, útero, ovário, ferida, febre, inflamação	folha	"sumo", "goga"
Amaranthaceae	tetrex	<i>Alternanthera brasiliana</i> (L.) Kuntze		folha	chá
	novalgina	<i>Pfafia</i> sp.	cólica, inflamação, gripe, dor, inflamação	galho	chá, xarope
	anador	<i>Pfafia</i> sp.		folha	chá
Anacardiaceae	cajú	<i>Anacardium occidentale</i> L.	diarria	folha, casca	chá
	manga	<i>Mangifera indica</i> L.	diarria	folha	chá
	atoeira	<i>Schinus terebinthifolius</i> Raddi	cicatriz ferimento	casca	banho
Annonaceae	graviola	<i>Annona muricata</i> L.	picada de cobra, emagrecer	folha	"sumo", chá
Apiaceae	coentrão	<i>Eryngium foetidum</i> L.	"frieira", cólica menstrual	folha	banho, chá
	erva-doce	<i>Pimpinella anisum</i> L.	dor de barriga, "barriga fofa"	planta toda	chá
Arecaceae	coco	<i>Cocos nucifera</i> L.	purgante, intestino, para caroço na pele	fruto	óleo, leite
Asteraceae	juiz-de-paz	<i>Acanthospermum australe</i> (Loefl.) O. Kuntze	"para criança doente"	planta toda	banho
	mentrasto	<i>Ageratum conyzoides</i> L.	"problemas de mulher", inflamação	folha	banho
	artemijo	<i>Artemisia vulgaris</i> L.	gripe, "dor de mulher"	folha	banho, chá
	carqueja	<i>Baccharis trimera</i> DC.	emagrecer	planta toda	chá
	carrapicho-de-agulha	<i>Bidens pilosa</i> L.	rins, hepatite	folha	chá
	assa-peixe	<i>Verbesina macrophylla</i> (Cass.) Blake	rins, uretra, inflamação, febre	folha	chá
	alumã	<i>Vernonia condensata</i> Baker	cabelo, febre, dor de barriga,	folha, galho	chá, banho
	mal-me-quer	<i>Wedelia trilobata</i> (L.) Hitch.	pneumonia	folha	"sumo"
Bixaceae	urucum	<i>Bixa orellana</i> L.	cansaço, pressão alta	folha, semente	chá
Boraginaceae	crista-de-galo	<i>Heliotropium cf. indicum</i> (L.) Lehm.	inflamação, bronquite	folha	chá, xarope
	confrei	<i>Symphytum officinalis</i> L.	cabelo	folha	banho
Brassicaceae	couve	<i>Brassica oleracea</i> L. var. <i>acephala</i> DC.	estômago, gastrite	folha	"sumo" com leite
	agrião	<i>Rorippa</i> sp.	bronquite	folha	Xarope
Caesalpinjiaceae	unha-de-vaca	<i>Bauhinia</i> sp.	diabetes	folha	chá
	fedegoso	<i>Senna occidentalis</i> (L.) Link	febre	folha	chá
	tamarindo	<i>Tamarindus indica</i> L.	dor de dente	folha	chá, banho
Capparaceae	Ximxim-de-galinha	<i>Cleome aculeata</i> L.	"prá tudo", inflamação, emagrecer, bexiga	planta toda	chá
Caprifoliaceae	sabugueiro	<i>Sambucus australis</i> Cham. & Schlttd.	sarampo, catapora	folha, galho	chá, banho
Caricaceae	mamão-macho	<i>Carica papaya</i> L.	pressão alta, gripe	folha, fruto	chá, xarope

<b>Família</b>	<b>Nome vulgar</b>	<b>Nome científico</b>	<b>Indicação</b>	<b>Parte utilizada</b>	<b>Forma de uso</b>
Cecropiaceae	embaúba-branca	Cecropia sp.	ferida	látex (leite)	passa o látex na ferida
Chenopodiaceae	beterraba mastruz	Beta vulgaris L.	bronquite, gripe	raiz	xarope
Combretaceae	amendoeira	Chenopodium ambrosioides L.	pancada, dor de barriga, gripe	folha, planta toda	"sumo", chá
Crassulaceae	folha-da-costa	Terminalia catappa L.	bronquite	fruto	xarope
		Bryophyllum calycinum Salisb.	tosse, bronquite, "frieira", úlcera	folha	xarope, "sumo" c/ leite, esfregaço da folha
Cucurbitaceae	abóbora	Cucurbita pepo L.	"verme"	semente	"leite"
	melão-de-são-caetano	Momordica charantia L.	dor de dente	folha	banho
	chuchu	Sechium edule ( Jacq.) Sw.	pressão alta	folha	chá
Cyperaceae	capim-estrela	Rhynchospora nervosa (Vahl) Boeckl.	inflamação	planta toda	chá
Euphorbiaceae	quebra-pedra	Phyllanthus tenellus Roxb.	rins	planta toda	chá
Fabaceae	andú	Cajanus cajan (L.) Mill.	dor de dente	folha	chá, banho
Iridiaceae	cebolinha-do-mato	Trimezia caulosa Rav.	gripe	caule	xarope
Lamiaceae	canudinho	Hyptis pectinata (L.) Poit.	ferida e corte	folha	torra a folha
	poejo	Mentha pulegium L.	febre	planta toda	"temperada"
	hortelã-miúdo-roxo	Mentha sp.	tosse, verme, bronquite	planta toda	xarope, sumo c/ leite
	manjerição	Ocimum americanum L.	febre, gripe	folha	chá, xarope
	alfavaca-de-galinha	Ocimum campechianum Mill.	tosse, gripe, bronquite	folha, galho	chá, xarope
	tióio (quioio)	Ocimum gratissimum L.	gripe	folha	chá
	elixir-paregórico	Ocimum selloi Benth.	gases, "ressecamento", dor	folha	chá
	manjerona	Ocimum sp.	febre, gripe	folha	chá, xarope
	santa-bárbara	Plectranthus barbatus Andr.	estômago, pressão alta	folha, galho	chá
	hortelã-grosso	Plectranthus amboinicus (Lour.) Spreng	tosse, gripe, verme, hemorroidas	folha, galho	xarope, chá, supositório
Lauraceae	boldo	Plectranthus neochilus Schltr.	estômago, inchaço, dor de barriga	folha	chá
	canela	Cinnamomum zeylanicum Nees	gripe	casca	xarope
	abacate	Persea americana Mill.	uretra	folha	chá
Lecythidaceae	sapucaia	Lecythis pisonis Cambess.	gastrite	casca	chá
Liliaceae	cebola alho	Allium cepa L. Allium sativum L.	bronquite, gripe, garganta bronquite, gripe	caule bulbo	xarope, chá xarope
Loranthaceae	enxerto-de-passarinho	Phoradendron crassifolium (DC.) Elchl.	dor de cabeça	folha	chá

Malpighiaceae	acerola	Malpighia glabra L.	gripe	galho	chá
Malvaceae	algodão	Gossypium barbadense L.	purgante, inflamação, pancada	folha	"sumo", chá
Musaceae	banana	Musa sapientum L.	bronquite, pneumonia, verme, diarreia	fruto	xarope da casca, "fruto machucado", chá
Myrtaceae	eucalipto	Eucalyptus spp.	tosse	folha	xarope
	pitanga	Eugenia uniflora L.	gripe	galho, folha	banho, chá
	goiaba	Psidium guajava L.	diarreia	olho e folha	chá
	cravo-da-índia	Syzygium aromaticum Merr. & L.M. Perry	bronquite, tosse, gripe	folha, flor	xarope
	jambo	Syzygium malaccensis (L.) M. & Per.	diabetes	folha	chá
Papaveraceae	cardo-santo	Argemone mexicana L.	"prá tudo"	folha	chá
Phytolaccaceae	prá-tudo	Petiveria alliacea L.	"mau olhado"	galho	banho
Piperaceae	alfavaca-de-cobra	Peperomia pellucida (L.) H.B.K.	diarreia, coração, conjuntivite, rins	planta inteira, folha	chá, banho
Plantaginaceae	transagem	Plantago major L.	"inflamação de baixo", garganta	folha	chá, banho
Poaceae	capim-santo	Cymbopogon citratus (DC.) Stapf.	bronquite, "prá tudo", derrame, insônia, pressão alta	folha	chá, xarope
	sapé	Imperata brasiliensis Trim.	"prá tudo"	planta toda	chá
	cana	Saccharum officinarum L.	pressão alta	folha	chá
	milho	Zea mays L.	inflamação nos rins	fruto	chá
Punicaceae	romã	Punica granatum L.	garganta	folha, fruto	chá
Rubiaceae	jenipapo	Genipa americana L.	tosse, anemia	fruto	xarope e "sumo" do fruto
Rutaceae	laranja	Citrus sp.	dormir, gripe	folha, fruto	chá, xarope
	arruda	Ruta graveolens L.	"mau olhado"	galho	banho
Scrophulariaceae	vassourinha	Scoparia dulcis L.	"mau olhado"	planta toda	banho
Solanaceae	bataatinha (batata inglesa)	Solanum tuberosum L.	asia	caule	"goma da batata"
Verbenaceae	erva-cidreira	Lippia alba (Mill.) N.E.Br.	dor de barriga, "barriga fofa", intestino, calmante	folha	chá
	melissa	Lippia sp.	dor de barriga, derrame	folha	chá
	rompe-gibão (gerbão)	Stachytarpheta cayennensis (L.C.Rich.) Vahl	tosse	folha, galho	xarope
Zingiberaceae	água-de-colônia	Alpinia zerumbet (Pers.) Brumth & Smith.	coração	flor	chá

**Tabela 1.** Relação de plantas medicinais utilizadas pelos moradores da comunidade de Vila Cachoeira.

vantamento foram *Lamiaceae*, com 11 espécies e *Asteraceae*, com 8 espécies, resultado também verificado em estudos que relatam a importância destas famílias como sendo as mais representativas na investigação de plantas medicinais <sup>5,13</sup>, seguidas por *Myrtaceae*, com 5 espécies, *Poaceae*, com 4 espécies e *Amaranthaceae*, *Anacardiaceae*, *Caesalpiniaceae*, *Cucurbitaceae* e *Verbenaceae*, todas com 3 espécies (Tabela 1).

As partes mais utilizadas das plantas, foram a folha (64%), planta toda (13%), fruto (8%), casca (7%) e outros (8%), sendo que o termo “outros” refere-se a raiz, flor, ao “leite”(látex) e “goga” (mucilagem), respectivamente como descrito por moradores locais. Pode-se observar que as plantas em que a folha foi a parte mais utilizada são, em geral, herbáceas de fácil acesso e cultivadas, enquanto as plantas arbóreas tiveram a casca ou fruto como a parte de uso terapêutico mais utilizada, sendo estas encontradas na mata local ou em algumas matas de difícil acesso. A relação do uso da casca e dos frutos das espécies arbóreas, se deve provavelmente ao fato da extração das folhas nestas plantas de porte elevado ser mais trabalhosa. A maioria das plantas indicadas e coletadas foram herbáceas (60,7%), seguida de arbóreas (33,3%), o que pode ser devido à localidade estar cercada por uma mata ciliar e de cabruca, e arbustivas (5,9%).

Os dados obtidos através de entrevistas, resultaram em 160 citações de receitas de remédios caseiros, já que muitas plantas possuem a propriedade de curar várias doenças, segundo os entrevistados. As formas de uso mais comuns foram o chá (48%) e xarope (19%), seguidos do banho (16%), sumo (8%) e outros (9%), sendo “outros” referente a aplicações de emplastos, esfregaços, “temperadas”(várias espécies colocadas, geralmente em álcool ou cachaça), supositórios e gomas (Tabela 1).

## DISCUSSÃO E CONCLUSÕES

Durante o desenvolvimento deste trabalho, as plantas citadas e coletadas foram comumente encontradas cultivadas em quintais, o que se deve a troca não somente de informações como também de mudas e sementes. A propagação de muitas plantas ocorre tanto pelo processo de estaquias como também por sementeira, como é o caso do manjeriço (*Ocimum americanum*) e em outras espécies apenas por estaquia, como a carqueja (*Baccharis trimera*), ou sementeira como o mastruz (*Chenopodium ambrosioides*).

Segundo os informantes, o chá das folhas deve ser preparado por infusão; já com a casca

do caule, o chá deve ser preparado por decocção. O sumo é o extrato da maceração de folhas retirado com auxílio de um pano.

As indicações terapêuticas mais citadas foram referentes a problemas do sistema respiratório, dores, febre, estômago, “mau olhado” e diabetes, além de problemas como queda de cabelo, micoses, cicatrização, derrame, problemas cardíacos e insônia. Dentre as receitas citadas, as mais frequentes estão relacionadas a sintomas como problemas do sistema respiratório, o que pode estar associado ao clima úmido e instável da região (Tabela 1).

Muitas das plantas citadas na Vila Cachoeira, já foram indicadas em outros levantamentos, como *Plectranthus amboinicus* (Hortelã-grosso) usada contra problemas hepáticos e *Lippia alba* (Cidreira) utilizada como calmante no nordeste brasileiro <sup>8</sup>.

Dentre as espécies mais indicadas para o uso contra problemas relacionados com o aparelho respiratório, encontram-se *Allium cepa* e *Eucalyptus* spp., ambas utilizadas como expectorante <sup>14</sup>.

Segundo o sistema de classificação de plantas adotado pela comunidade, algumas espécies podem ser diferenciadas como “macho” ou “fêmea” <sup>15</sup>, como por exemplo, o mamoeiro (*Carica papaya*) e a arruda (*Ruta graveolens*). Algumas espécies têm o seu nome vulgar diferenciado conforme a região, porém trazem a mesma indicação, como é o caso de *Ocimum selloi*, conhecida vulgarmente como alfavaca e “elixir-paregórico” no Espírito Santo, Rio de Janeiro <sup>16</sup> e também no Sul da Bahia. Isto se deve ao fato da sua atividade ser associada com a de alguns medicamentos sintéticos, como também ocorre com outras plantas denominadas de anador, novalgina e tetrex, o que demonstra a influência da zona urbana.

A concepção mítica das “sociedades primitivas e tradicionais”, ocorre mediante uma simbiose entre o homem e a natureza, tanto no campo das atividades do fazer, quanto no campo simbólico <sup>17</sup>. Por este fator, é possível encontrar entre as espécies citadas, algumas com o seu uso associado a crenças como o “mau olhado”, como por exemplo prá-tudo (*Petiveria alliacea*), arruda (*Ruta graveolens*) e vassourinha (*Scoparia dulcis*). Segundo os moradores, o “mau olhado” pode ser transmitido através dos olhos, que demonstram a inveja, mas os sintomas são reconhecidos apenas por um membro da família ou por um rezador.

O grupo de entrevistados expressou uma íntima relação com o imaginário, o que determina

algumas curiosidades em receitas que não podem ser reveladas ao doente, como o leite de coco que deve ser extraído sem que o doente saiba que é para ele, ou quando um indivíduo está com câncer e não se diz o nome da doença para não fortalecê-la, ou atrair para outras pessoas da família.

Esse conhecimento é obtido e transmitido entre gerações como pode ser observado no relato da moradora D. Judite: “*Sempre usei remédio feito cum planta. Minha mãe dizia que minha vó ensinou a ela, que aprendeu da mãe dela e eu ensino as minha filha para elas cuidá dos filho delas, porque a mulé é que tem obrigação de cuidá da sua família*”.

Algumas doenças possuem nomes vulgares específicos da região, como “barriga-fofa” que se refere a problemas de gases, “problema de mulher” referente ao aparelho reprodutor feminino, como cólicas menstruais e corrimento.

A transmissão de informações entre gerações e a série de curiosidades que cada indivíduo relata é parte do conhecimento adquirido com o passar dos tempos. Isto se deve ao fato de cada cultura ou civilização construir uma imagem

própria de sua natureza e perceber de maneira distinta os bens e riquezas confinados a ela, adotando assim, uma estratégia particular de uso dos recursos naturais<sup>18</sup>.

O que faz o homem utilizar as plantas como alternativa terapêutica, está na perpetuação de informações valiosas, muitas vezes próprias de sua cultura. Estes fatores nos fazem crer que cada sociedade, ou comunidade possui seu próprio sistema de classificação, crenças e métodos populares capazes de promover a cura dos seus próprios males. A comunidade de Vila Cachoeira demonstra manter uma íntima relação com o meio ambiente, atribuindo a este o motivo de sua sobrevivência mediante as dificuldades regionais enfrentadas por seus moradores.

**Agradecimentos.** Ao PIBIC/CNPq e a UESC pelo suporte financeiro; aos moradores de Vila Cachoeira que nos emprestaram os seus conhecimentos; aos botânicos Luiz Alberto Mattos Silva e Jomar G. Jardim que nos auxiliaram nas identificações do material coletado. Os autores expressam ainda os seus agradecimentos aos revisores, pelas criteriosas e valiosas sugestões.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Castro, E. (2000) “Território, biodiversidade e saberes de populações tradicionais”, en “Etnoconceção: novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos” (A.C. Diegues, ed.), HUCITEC, São Paulo, págs. 165-82
2. Veras, F.A.V. (1995) “Etnobotânica: plantas utilizadas na pesca e de uso múltiplo, pelos “brejeiros” da Várzea da Marituba - Alagoas”, Universidade Federal de Alagoas, Maceió.
3. Di Stasi, L.C., A.R.M.S. Brito, E.M. Bacchi, L.C. Ming, M.R. Furlan, M.A.P. Savastano, M.C. de Amorozo, M.S. Reis & P.H. Ferri (1996) “Plantas medicinais: arte e ciência, um guia de estudo interdisciplinar”, Editora da Universidade Estadual Paulista, São Paulo.
4. Castellucci, S., M.I.S. Lima, N. Nordi, & J.G.W. Marques (2000) *Revista Brasileira de Plantas Medicinais* **3**: 51-60
5. Agra, M.F. (1994) “Contribuição ao estudo das plantas medicinais na Paraíba: Plantas medicinais dos Cariris Velhos”, UFPB, João Pessoa.
6. Castro, H.G. & F.A. Ferreira (2001) *Revista Brasileira de Plantas Medicinais* **3**: 19-21
7. Pavan-Fruehauf, S. (2000) “Plantas medicinais de Mata Atlântica: manejo sustentado e amotragem”, Annablume/Fapesp, São Paulo.
8. Costa-Neto, E.M. & M.V.M. Oliveira (2000) *Revista Brasileira de Plantas Medicinais* **2**: 1-8
9. Ming, L.C., P. Gaudêncio & V.P. dos Santos (1997) “Plantas medicinais: uso popular na reserva extrativista “Chico Mendes” - Acre”, CEPAM/UNESP, Botucatu.
10. Alexiades, M.N. (1996) “Selected guidelines for ethnobotanical research: A field manual”, The New York Botanical Garden, New York, 304p
11. Cotton, C.M. (1998), “Ethnobotany - principles and applications”, Wiley, London.
12. Marques, J.G.W. (1991) “Aspectos ecológicos na etnoictiologia dos pescadores do complexo Estuarino-lagunar Mundaú-Manguaba”, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
13. Capellari, L. (1997) “Plantas medicinais e aromáticas: História, botânica, propagação e cultivo”, ESALQ, Piracicaba.
14. Rojas G., J. Lévaro, J. Ortoriello & V. Navarro (2001) *J. Ethnopharmacol.* **74**: 97-101
15. Rodrigues, E. (1998) *Revista Brasileira de Plantas Medicinais* **1**: 1-14
16. Amaral, C.L.F. & V.W.D. Casali (2000) *Revista Brasileira de Plantas Medicinais* **2**: 9-15
17. Diegues, A.C. (1998) “O mito moderno da natureza intocada”, HUCITEC, São Paulo, 166p
18. Toledo, V.M., A.I. Batis, R. Becerra, E. Martinez & C.H. Ramos (1995) *Interciência* **20**: 177-87

